



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Oficinas: Fundador: **PADRE AMÉRICO** Propriedade da OBRA DA RUA
CASA DO GAIATO — Paço de Sousa Director e Editor: **PADRE CARLOS AVENÇA** — QUINZENÁRIO

BARREDO



FACETAS DE UMA VIDA

Após o meu regresso da Índia foi esta a primeira vez que visitei os nossos Pobres da baixa.

Eles estavam ansiosos por me tornarem a ver e eu não estava menos.

Ora, levado pelo amor de Deus e ao próximo, lá me dirigi mais o *Grão-de-Bico* que pelos vistos ficou satisfeito. Mas quem não se alegra com as coisas do Alto?

O *Grão-de-Bico* veio de lá. Ele é dos do Barredo. A mãe abandonou-o. Hoje é nosso e está muito bem colocado.

Fomos eram três horas e quando de lá viemos eram quase sete.

A procissão começou pela senhora Maria José.

Era para esperar à porta até que chegasse a sua filha, que os vizinhos muito amável e caridosa, tinham ido chamar. A minha estadia cá fora equivalia a menos uma visita. O meu lugar era lá dentro e por conseguinte entrei.

A cave por onde passam os canos de esgoto é escura e fedava. O ar viciado que então ali se respira é fétido. Só por amor de Deus e aos Pobres é que ali me conservei por um pouco de tempo.

«O senhor Fernando ela faz tudo na cama e rasga-me tudo», dizia a filha — alma que sabe sofrer — e que tinha acabado de chegar naquele momento. Vinha muito contente, mas tristemente se desfez em desculpas por eu ter

Continua na página DOIS

Avançamos quase meio ano sobre as últimas notícias, enviadas pela Mãe ao P.e José e vamos tê-las, desta vez da pena do irmão Jaime, que regressara de África dois meses antes, e dava ao irmão mais velho novas de toda a família. A carta é datada de 4/12 e devia levar às longes terras de Cochim, onde o P.e José missionava, um sopro da presença da Família nesse Natal de 1903. Vê-se que a sua estadia na casa paterna algo influenciara o Pai — o que se traduzira por certa modificação no estado de coisas quanto ao Américo:

O Américo entra para o anno no Instituto Commercial afim de fazer o curso superior do comércio que leva 3 annos, e d'ali fica habilitado a ir para África ou para onde mais convier, e com estes conhecimentos pode ser um grande homem, em qualquer parte. Este curso dá-lhe direito a ser consul da Nação em qualquer outra. O Antonio está no Liceu do Porto a estudar o 6.º anno. Segue a carreira de medicina com muito gosto. É muito bom estudante e tem a estima dos professores, que o acham muito inteligente, como realmente é. Aqui tens a situação de todos.

E logo reafirma num acto cheio de simpatia e amor à Família, as suas disposições:

Siente do que dizes a respeito do teu desejo de concorrer para a despeza dos dois irmãos. Não há duvida que tudo isto representa uma grande despeza que nossos pais não podem sustentar sem dificuldades, e nós, já que Deus nos deu a felicidade de os poder ajudar, temos obrigação de lhes prestar o auxilio necessário afim de conservar e analtecer o bom nome dos nossos passados presentes e futuros. A minha magra bolsa está à disposição do Pae, e isto reunido ao teu concurso pode muito bem chegar para a despeza.

Acabadas as férias, Jaime regressou a Moçambique. É do Chinde, seis meses mais tarde, precisamente de 4/6/04, que ele escreve ao P.e José, a dar conta do seu plano sobre o Américo.

N'esta só te fallarei no futuro do Américo. O Américo, como sabes, tem 17 annos de vida e 2 de prática no comércio, e como a carreira d'ele tem de ser feita cá por fora, era bom que elle sahisse agora de Portugal, depois de mais aperfeiçoado na theoria da lingua inglesa e contabilidade comercial.

O rapaz tenciona e quer vir para África, o que não será mau, mas eu lembro-me perguntar-te se o Américo não poderia encontrar futuro ahi na Índia Inglesa, sabendo inglês e contabilidade comercial, no commercio é claro.

O maior centro da nossa África é Lourenço Marques, mas não é terra senão para aprender, e não para fazer o futuro de alguém. A fama de Lourenço Marques é realmente o grande commercio de transito para a África do Sul, feito por grandes capitalistas ingleses, e os portuguezes só podem gozar um emprego que lhes dê para comer, e nunca com o seu trabalho independente conquistar a subsistência do futuro.

Enfim diz-me o que pensas sobre este assumpto, e se realmente há possibilidades de colocar ahi o Américo em boa situação. É necessário que elle parta para ahi, logo que tenha obtido alguns conhecimentos do Instituto Commercial onde vai ser matriculado.



Gostava que viesses hoje mais eu serra acima. A paisagem é deslumbrante naquelas imediações. Este sol ardente torna-a ainda mais surpreendente. Gostava. Tanto mais que me dizem morar ali muito disfarçado e escondido o Pobre dos Pobres, tão deles como sempre o quis ser. Temos que cortar a cidade, mas é logo à saída. Gostava tanto que viesses mais eu. Eu vou não só por missão, como também pela alegria que o Senhor me faz sentir, ao comungar as dores alheias para as minorar.

Com o calor, a cidade assentou os moradores às portas dos cafés. Em todas as artérias o bulício é grande. Sem me deter, atravesso a confusão da hora e estou fora da urbe. Agora uns após outros, os carros são velozes. Metros andados, moradias baixas apresentam-se à beira da estrada. Crianças, em bandos, divertem-se perigosamente, nos passeios estreitos. A rua constitui sempre risco para a criança. Não é só o trânsito de veículos. O das palavras e dos exemplos insensatos é bem pior. Rouba a candura e mata a inocência. Aqui um magote de crianças. Sentada na calçada a que procuro. Tão parecida que



A maior ciência é amar. Descer até ao Pobre é subir até Deus.
Calvário: lugar de Redenção!

ela é com as demais que tenho encontrado! Pequenina. Mas anda já na casa dos catorze! O rosto fala da ausência de alimentos. A inocente não anda nem fala. E o contraste da idade com o volume do corpo é arripiante — pesa dez quilos.

Se trouxesse a Ciência comigo, esta pesava, media, averiguava e concluía do atrofiamiento por razões talvez complexas. Não merece a pena chamá-la para colher conclusões. Entro na casita térrea e o que vejo mais o que oiço basta para te dizer que a inocente vive ainda, para que tu mais eu sintamos uma paixão mais forte pelo estropiado. Senão, esta inocente não existiria já. Quase catorze annos à espera que a fôssemos ver para a amar e nela os que como ela são!

O pai é tuberculoso. Está no sanatório. A mãe vive ali com oito filhos. O mais velho vai às sortes mas não tem corpo. Os outros são todos miudinhos. O benjamim vai em três annos, mas é raquítico e ainda não fala nem anda. A mãe suspira fundo com o bebê ao colo, — falta-lhes o alimento. Não olha para si. Aponta os filhos. E acrescenta — o médico mandou-me tratar, senão os meus vão nascer todos assim como a Rosária. E se fala de si é por via dos filhos. Vão nascer todos assim. A Fé e a Esperança são contrárias ao desespero. A gente bem no sabe. Mas os Pobres adivinham-no e vivem-no, que a vida deles apesar de dura é tão resignada! E nas mais difíceis circunstâncias: onde tu talvez não fosses capaz de o ser!

E os meus olhos tornam a poisar na pequenita sentada no chão, tão enfezada apesar de andar nos catorze annos. Quando o mal é incurável e a Ciência não atina com ele, a melhor attitude humana é ajoelhar diante do Ser que guarda o segredo do mesmo mal. Mas se a solução está na panela e no tacho, o mesmo Senhor ordena-nos com firmeza que demos de comer aos que têm fome! É doutrina do Mestre. Nós precisamos de a saber de cor, mas muito mais de a praticar sem demora, não vá ele censurar-nos eternamente. Não vinha aqui com o problema do pão se não visse a ausência dele tão estampada no rosto de Rosária e não soubesse que muitos o esbanjam.

Já que não foste comigo à serra, vem agora ao Calvário. Vem. Toma em teus braços esta inocente. Dá-lhe do teu pão. E há-de ver o rosto do Mestre sorrir para ti.

PADRE BAPTISTA

4 DE AGOSTO

É o nosso dia Sacerdotal por excelência. Há cinco annos que vimos dizendo porquê. Não sabemos acrescentar nenhuma ideia nova. Mas sempre, neste dia, a nossa alma revive a emoção com que escutámos a palavra do Prelado do Porto ao ordenar o nosso Padre Manuel..., a alegria que tivemos do Prelado de Coimbra ao dar-nos o nosso Padre Acílio.

E se todo o tempo da nossa vida seria justamente consumido no agradecimento das misericórdias do Senhor, este é, para os «pobres da rua», o seu dia de acção de graças!

continuação da página UM

encontrado a casa naquele estado que por sinal até estava um pouco mais arrumada que o costume.

A filha pediu-me um colchão para a cama da mãe visto aquele estar já podre.

Fui ver. Realmente o leito está miserável e por isso mesmo prometi-lhe um colchão, mas não o tenho e o envelope que o Sr. Padre Carlos me deixou para os Pobres não é nada muito para as aflições; por conseguinte, quem quer ajudar esta Pobre?

Estou esperançado que ele virá. Deus há-de dar uma volta pelas vossas arrecadações e dizer-vos do que por lá tendes a mais.

Esta Pobre vive com seus quatro netos, dois dos quais foram abandonados pelo pai que emigrou para o Brasil. Com mais dois filhos desta mulher que agora olha pela mãe, são seis pessoas a viver naquela cave.

E neste tugúrio comem, cozinham, dormem, enfim: vegeta toda esta família.

Todos dizemos que atravessamos um tempo mau. O comunismo e outras doutrinas materialistas são temidas, mas no entanto a maior parte dos Cristãos continua na mesma rotina.

Vivem sem dar pelo sofrimento destes nossos irmãos. São como aqueles que passam antes do samaritano. Olham, viram, mas seguíram. Não pode ser assim. É preciso olhar, ver, sentir e agir. Posto isto é meio caminho andado para um mundo melhor.

Façamos, pelo menos, um pouco nossa a vida dos nossos irmãos Pobres. Amemo-nos uns aos outros porque é assim que os Evangelhos mandam e é assim que Cristo quer.

Queria ir muito mais longe. Gostava de vos dar notícias de muitos mais pobres, mas o espaço do Famoso não é muito, no entanto posso dizer ainda que a «Júlia Pequena» tinha a casa bastante arrumada—«se eu não tiver a casa arrumada o senhor não gosta de nós».

É assim mesmo que queremos. A pobreza não tem nada com a limpeza. Há quem visita o Pobre e deturpa isto. Ora nós ajudamos mais quem quiser ser limpo.

Há tempos, uma mulherzinha do Bonfim queixou-se-me com muita mágoa que uma senhora tinha lá ido mas como tinha a casa muito ajeitadinha e asseada, disse-lhe que não precisava. Quem anda por aí a deturpar a Caridade? Vamos então deixar ou incitar o necessitado a viver na imundície? Vamos deixar que empenhem tudo até mesmo os seus valorzinhos de estimação para então os ajudarmos? Não ponhamos então os pés na casa dos irmãos que precisam.

Eles, os Pobres, compreendem-nos e nós fazemos também por os compreender.

Ide ver a nossa família da Lapa. Ide! E vereis como é bom estar ali. Pai Américo várias vezes nos convidou para irmos visitar o snr. Gouveia afim de aprendermos a ser pobres mas limpos. A limpeza é como a boa educação. Fica bem em toda a parte.

A Calseira da Rua Fonte Taurina, 56, com 7 filhos quase todos pequeninos e o marido que além de um pouco doente, não é lá muito amigo de trabalhar tendo assim que a pobre mãe lutar mais que as suas forças para ir aguentando as despesas.

Quem nos quer ajudar a pagar partes do aluguer a esta gente que tira à sua boca e à boca dos filhos as magras cêdeas para atender os senhorios e o que é ainda pior, os intermediários?

«Se não pagar hoje ele põe-me os cacos e os filhos na rua».

Mas nem todos os senhorios são fel. E o snr. Vitorino que é coxo e maneta que o diga. Paga 4\$00 diários mas a senhoria dá-lhe tabaco e até as sopas. Por conseguinte o aluguer torna-se muito mais leve.

O Cesteiro da Rua do Barredo já lá não estava. Foi posto fora pela lei. É assim a lei. As leis não têm coração. Agora a filha está a viver por esmola na casa da vizinha — uma pobre já nossa conhecida. E como o senhorio mandou pintar a fachada do prédio já lhes pede duzentos e não sei quantos escudos de aluguer.

Ó alma grande dos humildes.

A snr.^a Leonor, dos Guindais, velhinha de 90 anos, estava ansiosa por me ver e então encheu-me de beijos misturados com lágrimas. A única coisa que me pediu foi um bocado do nosso pão de trigo. «Não quero morrer sem apanhar uma barrigada de pão igual àquele que comi em Paço de Sousa».

Os Pobres não esperam apenas os nossos magros tostões mas sim requerem a nossa presença.

À despedida vi lágrimas, mas confesso envergonhado que agora vi e as senti mais e muito sinceras.

«Deu-me mais alegria a sua visita do que me desse 200\$». Tomara eu levá-los para ajudar ao aluguer do snr. Francisco das escadas do Barredo. Ele e a sua Senhora com idades avançadas só vivem de esmolas. Ele quando era novo trabalhava no rio. Agora está velho e doente.

Ele quer-nos mais do que ao auxílio que lhe levamos.

Ó mundo! Olha, vê e sente este velhinho que sem querer te dá lições medonhas.

Torna-te pequena, ó Humanidade, para conheceres e abraçares as verdades eternas.

Fernando Dias



VISADO PELA
Comissão de Censura

É para satisfazer o pedido de alguns dos nossos Amigos que eu peço na caneta para dar início a mais uma nota de presenças à Obra.

Na verdade, não me tem sobrado tempo das muitas ocupações para conseguir algum encadeamento de ideias que pudessem transmitir ao papel. Mas hoje gostosamente dou a palavra a esses dos nossos leitores que não se conformam com receber um outro jornal sem notícias de Belém. E que Deus lhes pague tanto interesse e carinho por todos os nossos problemas e mormente pelo da Campanha da Casa Nova.

«Com a data desta carta, vi no jornal «O Gaiato»... que essa Instituição gastou durante um ano, com a alimentação das belenitas... cerca de 20 contos. Querendo eu prestar um pequeno auxílio a essa grande Obra, envio cheque de 5 contos, para o próximo trimestre, com a promessa de que farei o mesmo nos próximos trimestres, para assim completar um ano, isto se for vivo e tiver saúde... Lembrava eu a V. para fazer todo o possível para escrever sempre no «Gaiato», para não abrandar o ritmo das ofertas a essa abençoada Obra...»

Amiga de Lisboa enviou 200, referentes à sua 4.^a e 5.^a prestações.

Beirão ilustre enviou, de Lourenço Marques, 500 escudos.

De J. C. de Lisboa recebi nota de 50. A nota de Julho do Casal Amigo, de Braga. Também a Menina Gracinda já entregou a sua quota de Julho e ameixas para as belenitas.

Nota de 20 de Coimbra.

«Pedindo orações pelo seu Pai, seus irmãos e suas criadas, envia esta pequena esmola» — 100\$00 — Beatriz.

Recebemos tecido e peças de roupa de A. F. Silva, do Porto e de Isabel do Barreiro.

De Paço de Sousa chegou vale de 650\$00 e Gina Maria marcou presença com um de 45\$.

Luciano mandou entregar nota de 50 e três senhoras amigas também entregaram em nossa Casa 40 mais 20 mais 100.

O assinante anónimo de Lisboa já voltou com a sua quota de Julho e diz: «Não tenho lido as vossas crónicas, pois não tenho recebido o nosso Famoso, que bastante falta me faz. Não sei a que atribuir o facto».

Aconselho-o a que reclame para a Redacção do mesmo, que eles até agradecem.

«Aqui vai um cheque de 300\$, para ajudar neste tempo de uvas. Na próxima crónica, diga quantas filhas tem e se precisa de lençóis e se são camas pequenas ou de pessoa».

Para agora temos lençóis suficientes. Mas andamos a tratar do bragal para a Casa Nova e precisamos de arranjar mais lençóis para o tipo de cama vulgarmente chamada colegial.

«Li no último número de «O Gaiato» que a manutenção duma menina na vossa casa ficou, em

1961, por 5\$20 diários. Peço-lhe aceite 600\$00, com a finalidade de cobrir pelo próximo trimestre a despesa de uma das vossas educandas — uma em concreto, que lhe peço escolha entre as mais desamparadas e mercedoras».

Muito bem! A escolhida foi a Laidita. Ela ainda só tem 7 anos, mas qualquer dia escreverá umas palavrinhas de agradecimento ao seu novo «padrinho». Tudo o referente à teceadeira de Ordins e às alunas de Toulões foi executado como pediu e com todo o gosto.

E mais esta carta, para terminar:

«Junto envio este vale de 500\$, produto da Campanha dos bonequinhos requisitados para venda em vários sítios particulares, dos quais 5 dolares duma portuguesa que se encontra na América e 128\$00 duma luso-americana que muito tem trabalhado na Campanha».

«Está-se a tratar de introduzir a Campanha no Liceu e Colégio

de Lourenço Marques para onde já seguiu um milhar de bonequinhos».

Que Deus abençoe toda a actividade destas entusiastas da Campanha dos bonequinhos que toma de assalto os liceus, colégios e escolas de Lisboa e está já a transbordar para Lourenço Marques. Eu não conheço pessoalmente nenhuma dessas Senhoras e Raparigas, mas Deus conhece muito bem cada uma delas.

Já aqui foram acusadas várias quantias angariadas por esses estabelecimentos de ensino. Hoje temos mais dois vales: um de 100\$, da Escola das Enfermeiras Artur Ravara; outro de 230\$, da Escola Josefa de Óbidos.

Esperamos pelo fim do mês, para fazermos as nossas contas e vermos que quantia poderemos pôr de parte para a compra da Casa Nova.

E bem hajam.

Inês — Belém — Viseu

Da que nós necessitamos

1.000\$ de A. F. M. da Rua de Santo Ildefonso. Um assinante de Rio Tinto, com 100\$. Do arrais da bateira «Padre Américo», 140\$ em seu nome e dos colegas. Amadora com 25\$ em selos do correio. 100\$ para o Barredo. Do Grupo Excursionista «Amigos da Paz» do Bonfim-Porto, 84\$60. Lisboa com 21\$, também em selos. Ainda da Capital, de alguém que prometeu enviar 5 mil escudos, envia hoje a primeira prestação de 2.000\$.

De «uma amargurada pelo dia 22», duas vezes 50\$. Viúva da Calçada da Corticeira com 100\$. «Por alma d'Aquela que eu tanto amava» 50\$. «Pela conversão do meu patrão» 25\$. A presença do Sr. Manuel da Rua da Corticeira, 40\$+40\$, e graças a Deus, vai tendo muito trabalho. Do Porto 120\$. Peniche com 20\$. Das paroquianas de Ramalde que todos os anos cá vêm no dia de S. João, 720\$00.

O primeiro ordenado de uma semana de trabalho rendeu 25\$. Cá está António com 100\$ para a «viúva da Nota da Quinzena» e «100\$ para ajudar uma mãe a alimentar seu filho». Uma anónima com 100\$. De Braga 1.100\$. De Francoalva-Valadares, um cheque de 600\$. De Luanda, 100 an-golares. Os 70\$ do costume, de senhora conhecida. E os 20\$ mensais da Avó de Moscavide. Está aqui um apontamento sobre um vale de 1.000\$, mas pelo registo nada podemos informar, pois não sabemos a data da sua emissão nem o nome da pessoa remetente. Por favor, dê notícias, querida Avó.

Novamente Valadares, com esta carta:

«Em Coimbra, minha cidade

natal, tive a felicidade de acompanhar de perto o início da grande obra do saudoso e inesquecível Padre Américo.

Embora grande admirador, sou um modesto auxiliar, mas quando as possibilidades se deparam não esqueço essa Obra. Agora resolvi que o primeiro rendimento de uma casinha que acabei de construir à custa de enormes sacrificios fosse para a Casa do Gaiato. O que é prometido é devido, pelo que envio o vale de correio de 200\$!

Moçamedes com 100\$. Do Bazar Londres, do Porto, dois vales de 100\$ e 170\$. Rua da Madalena com os 20\$ habituais. Mais de Johannesburg, 3 libras e 10 shillings, «produto de 3 meses do Pessoal da Curadoria dos Indígenas Portugueses». Da Vila das Aves, a oferta sempre muito apetecida de 12 cobertores de algodão. Lisboa com 20\$, da ass. 30788. Viúva de Alcobaca com 50\$00. De Aveiro, 40\$. O ass. 11902, de Luanda, depositou 1.450\$ e informa que vem de licença até à Metrópole, esperando visitar-nos. Boa viagem e cá o esperamos. E Caldas da Rainha com estas linhas:

«Juntamente envio 20\$, uma migalha do meu primeiro ordenado, destinado à Casa do Gaiato. Uma pecadora».

Rio Tinto com 100\$. Em selos 20\$. Os nossos amigos da Mobil, cá estão com 47\$50 por duas vezes. De Anta 40\$. Gaia com 20\$, de uma graça obtida. 70\$ do Porto. Ass. 8993 com 50\$. Exames passados e alegria nos corações, comunicando essa alegria, dando. «Por alma dos meus queridos pais e pelo bom sucesso nos exa-

Continua na página QUATRO





VISTAS DE DENTRO

A pecuária cá em casa está em franco progresso. Começou há anos o nosso esforço. Eu não me queria gabar, mas fui eu. Fui eu que trouxe um casalinho de porcos «Large White», que realmente custaram os olhos da cara e me custaram os apupos do Sr. Padre Manuel mais sua

Já que estamos no rol das pessoas sérias, eu aproveito a maré e conto esta do Manuel Pinto — que já passa dos 30 e é pai de uma filha quase moça!

O Pinto estava ao telefone. (Não posso informar da importância da conversação.) Nisto, começa a ouvir-se um avião que

casa-mãe, pois o telefone na mesa e corre a vê-lo.

Nem sei se disse com licença ao interlocutor... Tampouco se alegou qualquer pretexto verosímil para a interrupção... O que sei — e aqui o denuncio por ser verdade — é que ele deixou o telefone pra correr à janela pelo avião.

ria própria e houve um, até — hoje nas Minas de Vila Cova — que tornava preciso um dicionário especial para traduzir o seu léxico.

Nem posso esquecer, nesta linha de pensamento, a surpresa confessada por um Ministro, ao visitar a nossa Aldeia, em plena e normal laboração: «Não ligam nenhuma à gente!...» Não é falta de consideração! É a ausência do postigo!

Pois, sendo assim, não sei a razão de ser deste eufemismo que oigo muitas vezes e a que achei imensa graça, quando há dias o ouvi nos campos novos da boca do mais pequenino dos nossos «batatas», o Periquito.

Ele andava nas padiolas. Ti João Manco a comandar. Periquito adianta-se e pede-lhe: — Ti João, posso ir ao quarto de banho?

— Podes...

Periquito rodou; procurou a árvore mais próxima; — um pinheirito magro que não escondia nada; despe os calções... e faz o seu serviço.

Deixo aos leitores este modelo de quarto de banho.

fraco de si mesmo, menos saboroso ficou com os ingredientes indispensáveis à conservação. O novo era de se lhe tirar o chapéu! Resultado: no dia em que o comprador veio por ele, Daniel matou os seus tipógrafos, todos de gravata preta, organizaram uma marcha de silêncio até à adega, em despedida ao vinho.

E o que é certo é que não perderam tudo! Senhor Engenheiro Luís Barata, que presidia à tarefa para as vasilhas do comprador, apiedou-se dos «piedosos» peregrinos e deu uma prova a cada um.

Já que estamos em mãos com uma danielisse, aqui vai esta carta que ele me mandou do Gerês, quando este ano lá foi fazer a costumada cura dos seus «maus fígados». Que este ano foi só meia cura!... A outra metade foi às orelhas: um grande puxão delas que eu tive de lhe dar.

«Querido Padre Carlos: Saúde e bichas. Muitos beijinhos! Então, está a descansar? Oxalá que sim.

Quanto ao tempo: fraco. Saúde: Dores de cabeça.

Juizo: Nenhum.

Dinheiro: Pouco. Tem de me mandar uns pòsinhos mais.

Água: Molhada!

Flores: Muitas.

Pássaros: Tenho visto algumas galinhas!... no prato!

Gerês: Lindo como os amores...

Constantino: Rijo e fero!

Canigada: No mesmo sítio.

«Central Jardim»: Melhorada e a cores!

Paleio: Demais!

Veraneantes: Na Avenida do Pinheiro Manso.

Banhos: Balneário com água quente e fria.

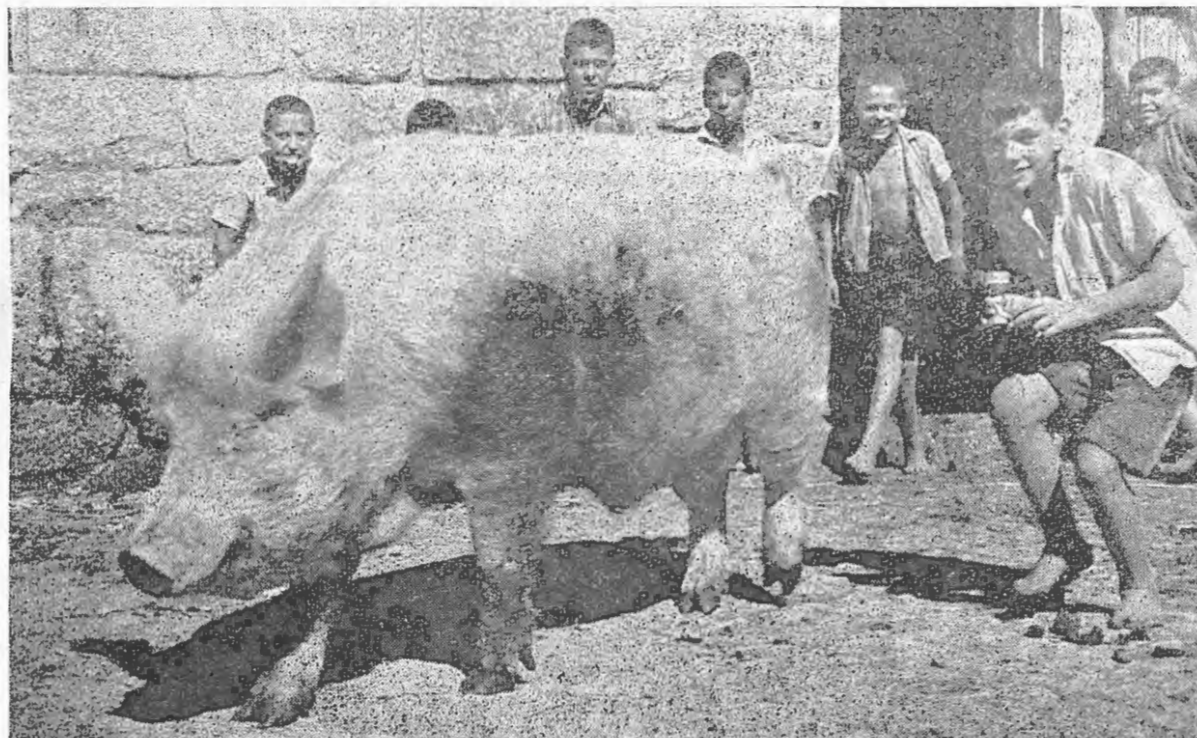
Borges: O tártaro habitual.

Para o Sr. Padre Carlos: Um abraço em caixa alta!

Correio: Espero que venha e com boas... notas!

Seu

Daniel».



«Mister Porco». Principal intérprete do filme dos Camponeses!

«troupe» de lavradores. Pois os porquinhos começaram a crescer e a mostrar quem eram. Meses após, já não mostravam só em si a sua raça, mas nos filhos que criavam. Senhor Padre Manuel entusiasmou-se, (assim como pelo galinheiro, quando começou a ver ovos e frangos com fartura e lindos!) e dos porcos começou a interessar-se pelas vacas leiteiras. E tanto... que agora houve concurso em Penafiel e uma vaca nossa ganhou o 1.º prémio da sua classe, assim como o varrasco.

Esse dia cá em casa não se fez nada. Antes da festa, foram corridas prá rouparia em busca de fitas coloridas para ornamentar a vaca. Depois, o tractor para cá e para lá, a transportar as «vedetas» deste festival. E no regresso nem queiram saber o que foi eles, mai-la taça, mai-los prémios pecuniários. Eu não-digo que chegassem aos pontos do Benfica depois de campeão europeu... mas por lá perto!

Hoje Senhor Padre Manuel disse-me que tinha mandado o Avelino fotografar a «Miss Vaca» e o «Mister Porco». Quando estas regras saírem eu andarei por África. Mas espero que elas saiam ilustradas com tão ilustres exemplares!

se aproximava... Ele é verdade que por aqui é raro passarem aviões! Mas também é verdade que o Manuel tem visto muitos, até a pousar e a levantar no Aeroporto de Lisboa! Pinto deixa perceber no seu rosto uma ansiedade. Parece que já não escuta a conversa, que se perdeu dela... E, quando o avião passa sobre a

Façam o favor de ver e de registar!

TODA a gente conhece a espontaneidade com que se vive e fala cá em casa.

Graças a Deus é raro encontrar o palavrão. Mas há uma gi-



«Miss. Vaca» outra grande vencedora e orgulho dos do Campo!...

A Tipografia é, sem dúvida, a oficina mais importante cá do burgo. Quer pelo valor do investimento, quer pelo volume do seu movimento, quer pelo número de «funcionários» que emprega — para já, é ela, e é mesmo, a n.º 1.

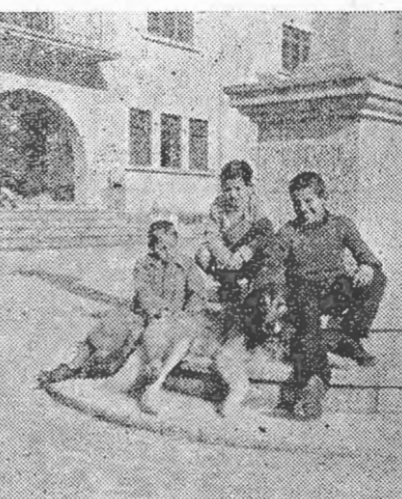
Ora, antigamente, havia aniversários e propostas de festas de comemoração dos ditos, a propósito de tudo e de nada. Nos meus tempos de «caloiro», eu apadrinhei. Pai Américo queixou-se nestas colunas de como eu dava cabo das finanças da Casa do Gaíto em copos de água!

Pois agora não sou eu, é Padre Manuel, o protector destas coisas. E apesar de ele ser o homem da lavoura, uns certos senhores da Tipografia sabem muito bem levá-lo e ele cá.

Quem dá por paus e por pedras são os das outras oficinas. Eles têm um ciúmezinho dos Tipógrafos!... E vá lá... Tem uma certa razão!

Há dois anos o vinho foi muito e fraco. Consequência: o preço era fraco também. O do ano passado foi pouco e bom e o preço subiu com a qualidade e a escassez... Que resolveu o «Senhor D. Diniz» cá do sítio? Guardar o de há dois anos para consumo interno e vender todo o da última colheita.

O pior é que o mais antigo, já



A nossa Aldeia, eles e os cães...



Há muito que os leitores não têm notícias do nosso Lar de Lisboa; pois bem, nós ainda não morremos, embora

co de sacrifício para se estudar de noite depois de um dia de trabalho, mas para quem aspira ser alguém na vida, há que ter vontade e trabalhar para a frente.



PELAS CASAS DO GAIATO

a falta de notícias assim o pareça. Mas estamos vivos e bem vivos.

Em virtude de há muito não vir no Famoso coisa alguma relacionada com a malta, é lógico que haja muito que dizer. E assim é, mas também não quero maçar os leitores com as minhas notícias, se é que ler o Famoso é maçada.

Sobre os estudos da rapaziada, este ano não foi nada mal. Temos entre nós o nosso Lita, que era do Lar de Coimbra, agora o Sr. Professor Carlos Alberto; está a frequentar o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, aplicado nos seus estudos, bom trabalhador e ótimo rapaz. Ele tem os seus exames ainda este mês; e os nossos votos são os melhores; consiga ele passar tudo e teremos um professor afinado na Obra da Rua.

O Jorge, o maior da malta, só lhe falta fazer o exame de História para completar o 3.º ano da escola comercial, tudo indica que se sairá bem.

O António José que anda a estudar de dia, embora levando um chumbo numa asa, «Cálculo», passou para o 4.º também do comércio. Bom rapaz e aplicado nos estudos, é um dos jogadores do nosso grupo mais em destaque. Este é dos que têm futuro. Se o Benfica sabe ou o Sporting temos aí outro despique, mas desta vez é sem pedras.

Eu também me saí. Para o ano tenho o 3.º e 4.º comercial. Como os leitores podem observar somos todos grandes comerciantes.

A parte boa não foi má, agora vamos à parte má, a qual não é lá muito boa. Só houve dois que não corresponderam à expectativa. Um que chegou ao fim, passando em duas disciplinas, como foi a primeira vez que estudou de noite, senti dificuldades. O outro ficou a meio do caminho, mas qualquer deles para o ano já prometeu fazer melhor. É preciso um pou-

O nosso Lar tem estado a servir o Exército em grande escala. O primeiro fui eu, já lá vão dois anos, vamos a ver quando me toca a sair, já não deve faltar muito. Ao Grilo também já lho tocou, esteve em Coimbra e passou agora para o Porto; vê lá mas é se vens para Lisboa que a malta já tem saudades tuas. E outros se seguirão. O Carlos Alberto deve entrar em Agosto, depois seguir-se-ão o Jorge e o Noel. Como os leitores podem ver, qualquer dia temos aí uma selecção militar.

No dia 8, fomos até à nossa Colónia de Férias na Ericeira. Eu por sinal não fui, todos vieram contentes, pois já tinham saudades de um banho no mar. Todos tomaram uma banhoça, inclusive o Lampreia, agora mais conhecido pelo Sr. Agostinho. O Sr. Padre José Maria também deu as suas cambalhotas. E ao fim e ao cabo tudo ficou em bem. No regresso todos mostraram saudades de lá voltar o mais breve possível.

Quero agradecer aos amigos leitores que ainda não se esqueceram de nós, tudo o que nos têm mandado. Um muito obrigado para todos, nós não os esqueceremos nas nossas orações.

Uma Senhora deu-nos no dia 15 um Rádio, por sinal muito bom. Para essa Senhora aqui vão os nossos agradecimentos, e há que continuar.

Quero lembrar aos nossos amigos leitores que frequentam as praças que há que ter cuidado com as bolas de borracha, pois os nossos amigos da Polícia Marítima não se esqueceram de nós e mandaram-nos uma saca cheia de bolas que foram para a nossa colónia de férias e para o Tojal.

Agora se houver por aí algum leitor que tenha um radiotelevisão a mais não se esqueça de nós. Com o novo satélite artificial estávamos interessados em ver os programas americanos.

Creio que não fui muito maçador, e

espero que não seja esta a última vez que os leitores tenham notícias minhas a respeito do nosso Lar.

Então adeus e até à próxima, amigos leitores.

Edgar d'Oliveira Duque

SETÚBAL

PORQUINHOS. — «Venha ver; são doze, muito pequeninos». Isto ouvi eu logo de manhazinha. Fui ver e regalei-me de ver os nossos rapazes, pequenitos como os recém-nascidos, a verem o acontecimento do dia. A «rua», não lhes dava sensação igual.

E nós reparámos como ela amamenta os filhos e não deixa que nos aproximemos. Ele há mães racionais que dão os filhos à luz, e os abandonam. Há delas que geram e logo matam o ser gerado. Os animais a dizem-nos da razão da Natureza! Aprendamos.

FUTEBOL. — Mais dois desafios, mais duas vitórias. Visitaram-nos: um grupo de rapazes muito educados e briosos, de Setúbal, aos quais vencemos por 15-0. O expressivo resultado não diz da galhardia e do desportivismo do nosso adversário. Parabéns ao «Grupo dos Semi-homens».

Também nos visitou o «Grupo dos Pescadores», a quem vencemos por 3-1. Bom jogo. Honra prós nossos, pois o adversário trazia jogadores que jogam ou jogaram no Vitória de Setúbal. Neste jogo, tivemos o nosso baptismo de «Categoria». É nossa Madrinhã, a Senhora Professora.

VISITANTES. — Ontem foi aqui uma romaria autêntica. A frente da nossa casa — que bonita ela está! — estava repleta de gente, camionetas, automóveis, e até carros do «rajá».

Almada em peso. Ele rapazes, ele raparigas, Senhores e Senhoras, tudo veio em romaria à nossa Casa. Era um dia de semana. Vieram encontrar os rapazes, cada um ocupado no seu trabalho. Os Batatas descascavam favas na eira. Como era sábado, viram roupas de 100 rapazes, espalhadas por outras tantas camas. Se demorassem mais um nadinha, veriam o milagre da multiplicação, nos 100 pratos postos nas mesas do refeitório.

A avaliar pelos mimos e afagos que deram aos Batatas, gostaram. E quem é que não gosta de ver amados os que antes eram o lixo?

O TRABALHO. — O «Cegonha» mais os da vacaria estavam juntos a olhar o chão. Eu passei e eles chamaram-me. Quiseram que eu visse também. Erain as formigas no vai-vem do seu trabalho. Os nossos vaqueiros precisam de muitas lições de trabalho. Amor ao trabalho. Pois que melhor lição do que esta? A NATUREZA fala e ensina, e a inteligência mesquinha do homem destrói. Quem dera que os nossos rapazes tirassem a lição que as formigas lhes deram.

Ali no Salão de Festas, está uma algazarra alegre, de entusiasmo. É o bilhar. Os rapazes maiores estão a jogar. Todos querem, mas só há dois tacos e um bilhar. Senhor Padre Acílio contente e entusiasmado porque não quer ver ociosos. Nós fomos por eles, porque a ociosidade os devorava. Queremos juntá-los a ela. Jogos e uma salinha onde eles se sentissem bem, onde pudessem descansar o espírito depois dumas horas de trabalho. Este é um dos sonhos do Sr. Padre Acílio, mas... As facturas vão-se amontoando, e nós não queremos ser caloteiros.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência DA NOSSA ALDEIA

RESPOSTAS AO S. O. S. — Só veio uma! Mas a gente não desanima. Que os nossos Pobres doentes — sobretudo um deles, pai de família numerosa — não podem sucumbir por falta de assistência medicamentosa.

Eis a única presença da campanha:

«O Gaiato»

Avença

ANO XIX — N.º 480 ★ 4 DE AGOSTO DE 1962

«Estes 50\$00 são destinados à despesa da farmácia dos doentes da Conferência. Com muita pena, muita, de não mandar muito mais, agradeço o favor de no próximo Jornal dizerem que receberam os 50\$00 enviados por uma «Avó de 5 netos», só para saber que o dinheiro não se extraviou».

Descanse, prezada Avozinha! Os cinquenta mil reis já taparam um furo. Não deu mais porque não podia? — é feliz por isso mesmo. Ora a gente não desanima, repito. Porque Deus não falta. Nós, sim. Nós é que podemos faltar. E cimentados nesta Fé, havemos de continuar — sem desfalecimento. Que os remédios custam os olhos da cara. E muitos — não há dúvida — só estão ao alcance de quem pode bem. E quem não... Já se sabe.

Esperamos em Deus que, na próxima quinzena, aumente a bola de neve.

OUTROS DONATIVOS — Abre a conhecida assinante 17022, com três presenças de 40\$00. Mais, A. F., do Porto, 60\$00. E mais 100\$ do assinante 5400, da capital. É dos primeiros! A seguir temos o Porto com igual quantia, do assinante 23986, «pelas melhoras de minha Mulher que está muito doentinha». Oh amor conjugal! Que Deus

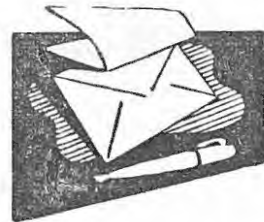
o oiça. Mais 150\$00 do assinante 18989, «para cumprimento de uma promessa». E mais 20\$00 duma Religiosa de Vila Real. E outros 20\$00 de uma Funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques. E mais 50\$00 de Coimbra. Idem de Cabeceiras de Basto. Mais 20\$00, também da capital moçambicana. E o Bêbé n.º 3 é certinho — marca lugar com 20\$00, pelas cotas de Maio e Junho. Da Horta (Açores), 120\$00 do assinante 19205 relativos às cotas do 1.º semestre do corrente ano. Subscritores assim são uma riqueza. Venham mais e mais deles! Outra vez o Porto, com 50\$00 pela mão do assinante 12342. E mais Porto:

«Junto vinte escudos para a Conferência por alma do meu marido. Peço-lhe para pedir aos seus Pobres para rezarem um bocadinho por ele e para que eu tenha saúde e trabalho e também paz que bem preciso dela. Um abraço da velha amiga, Viuva do Porteiro».

Finalmente, que o espaço não dá pra mais, temos uma nota de 50\$00 de um Médico amigo das Caldas da Rainha e 10\$ de «Uma Maria».

Para todos, o nosso muito obrigado e que Deus lhes pague.

Júlio Mendes



Uma Carta

Em nome de todos os meus colegas, vos cumprimento e vos ofereço uma pequena soma a qual se destina a comprar alguns livros para a biblioteca da grande Obra que dirigis. Não sou digno de vos escrever esta carta, por duas razões. Adiante vo-las direi.

Em primeiro lugar vou-vos contar a nossa pequenina história. Abriram as aulas e animados entramos decididos a estudar mais que no ano anterior. Qual não foi a nossa surpresa quando numa das primeiras aulas de História o nosso querido Professor nos lembrou uma ideia verdadeiramente admirável. Queríamos nós, o 4.º A, juntar-nos e formar uma biblioteca? A sua ideia foi acolhida com verdadeiro entusiasmo. Tudo ficou combinado e foram eleitos 3 directores para superintenderem na biblioteca. Um deles fui eu. Devo confessar-lhe Rev.mo P., não fiz absolutamente nada das tarefas que me competiam como director. Esta é uma das razões por que não sou digno de vos escrever esta carta. Mas por nada ter feito é que fui encarregado de vos escrever. Bem, mas continuemos a nossa narração. A biblioteca decorreu óptimamente até ao fim do ano. Aqui chegados, teve lugar a distribuição dos livros comprados. E agora é que vem a razão por que estou a escrever-vos. Tinham ficado em caixa algumas dezenas de escudos e os sócios da biblioteca tinham direito a recebê-los. Aos que qui-

sessem receber, ser-lhes-ia dado; os outros podiam deixar o seu dinheiro em caixa. A maioria não quis receber a sua quota parte. Eu e poucos mais recebemos o dinheiro a que tínhamos direito. E eis a segunda razão por que não sou digno de vos escrever esta carta. Alguém lembrou, então, que o dinheiro que estava em caixa fosse oferecido à Casa do Gaiato. Estupenda ideia! Só depois me arrependi da acção que tinha praticado e restituí integralmente todo o dinheiro com que tinha ficado. Os outros companheiros fizeram o mesmo. E agora que mais me resta escrever senão afirmar que nos sentimos humildes em face de uma Obra tão maravilhosa como a que o nosso querido Padre Américo fundou e nós continuamos? Meu Rev.mo P., já nada mais me resta acrescentar!

Em nome de toda a turma, vos agradecemos a vossa grande Obra. Nunca desanimeis, nem nos momentos mais difíceis! Lembrai-vos que Deus olha pelos seus amados filhos, ajudando-os, protegendo-os e abençoando-os. Fazei bem a tantos rapazes que como nós têm direito a viver as duas vidas que todos nós vivemos. A vida corporal, o mais sã possível; o mais santa possível, a vida espiritual.

Respeitosamente nos subscrevemos.

os alunos do 4.º A do Colégio Almeida Garrett

Do que nós necessitamos

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA DOIS

mes de meu filhinho», 100\$. De Gaia 60\$, pela satisfação de minhas filhas passarem nos exames. 20\$ de não sei donde, também pelos bons resultados nos exames. «Uma mãe aflita, pelos exames do 5.º ano de seu filho» com 20\$.

Sempre que se passa pelo Espelho da Moda, é um mundo o que de lá trazemos, em pacotes, encomendas e dinheiro, e tudo o que os nossos bons amigos lá vão depositar. E aquela Casa sempre de braços abertos a tudo o que for da Casa do Gaiato!

E aquela senhora, que no martirizado Katanga, nos não esquece, enviando seu carinho e 1 dólar, mês a mês! Que o Senhor a ajude. Um fato de Mirandela. Roupas de Moçambique. Bonés do Porto. De Almada, F. C. com 200\$00. «De alguém», 100\$, primeiro aumento de ordenado. Por intermédio de «O Comércio do Porto» 50\$, mais 100\$ de Maio e Junho, respectivamente.

Cheguei ao final. Para fecho, notícias de quem, de 6 em 6 meses, aqui aparece:

«Numa sequência, para mim bem agradável, em que o Pessoal da Fábrica de Tabacos Portuense, desde há muito se habituou a contribuir para a humanitária e gigantesca Obra do Pai Américo, eis-me na representação de todos quantos aqui ganham o seu pão,

para levar até V. Rev.ª a quantia de 2.000\$, referente ao primeiro semestre do ano corrente, cuja contribuição das várias dependências da Fábrica, foi a seguinte: Oficina de Cigarros à

máquina	729\$30
» » Pique.....	280\$00
» » Tabaco picado (onças)	570\$00
» » Cigarros abertos	348\$70
Escritório da Fábrica...	72\$00

2.000\$00

Que Deus aceite, na sua intenção, a modesta oferta deste pessoal que vive momentos de ansiedade, pois a 5 meses do prazo marcado para o encerramento da fábrica, nada sabe quanto ao futuro que o espera».

É digno de atenção, por parte das autoridades superiores, o futuro deste pessoal que vê chegar a hora do encerramento da fábrica onde labuta e onde honradamente ganha o seu sustento. Doi-nos a angústia, com que eles vêem passar dia após dia, sem nada se ter resolvido quanto ao seu futuro. Que os espera? Certamente o desemprego, depois de tantos anos de esforço e dedicação.

Por tudo e em tudo, Graças a Deus.

Manuel Pinto